

**CRÓNICA**  
*Masculina*

DE HOMEM PARA HOMEM

## SEM TEMA ESCOLHIDO...

**D**ADO o primeiro passo, atirado o primeiro grito do ardina, voltámos, hoje, ao convívio ameno que prometeramos há precisamente uma semana.

E que vamos nós dizer no diálogo marcado para hoje? Não combinámos tema. Escolhamos, portanto, assunto aliciante para debater entre nós, homens. Serve, por hipótese, o casamento? oh, não! Sobre ele já se disse tudo. Já se sabe que o matrimónio é uma estrada que conduz ao céu os que são casados e um inferno desejado pelos que não caíram na asneira de se atar alguém. Discorrer sobre o celibato? Acham bem? Que maçadoria. Falar no celibato é voltar ao mesmo problema mudando apenas os termos à fracção que contém a incógnita. Mas então não há assunto? Lá isso há, com certeza. Cavaquear sobre mulheres? Ora aí está o tema que agrada a todos. Nós, homens, temos sempre o costume de fazer desvios para chegar onde queremos. Mas alto lá! Ela está a ouvir-nos. Não podemos depor o cavalheirismo nem a reverência. É melhor mandá-la embora? Ora que ideia? Deixemo-la estar e passemos adiante...



MÁRIO DE AGUIAR apresenta

## CRÓNICA Masculina

N.º 2 — 15-XII-1956

Director e Editor: RUI COSTA

Redacção e Administração: Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefone: 66 86 39 e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR & DIAS, LDA. — Composto e impresso nas oficinas da E. N. P. (Anuário Comercial de Portugal)

Todos os sábados



# Fique-se com esta!

Um dos grandes milionários de Boston, chamado Contes, legou à universidade local uma coleção curiosa. Contes, que contava 83 anos jamais tomara remédio algum. Entretanto, no decurso da sua longa existência, chegou a consultar vários médicos e a mandar manipular na farmácia todas as receitas que lhe eram prescritas. Simplesmente, em vez de tomar os medicamentos, guardava-os, com muito cuidado. Deste modo conseguiu reunir 1900 garrafas e frascos com diversos líquidos, 1370 caixas com pós e 870 com pilulas.

Parece que graças a este expediente conseguiu viver, mais de três quartos de século.

As mulheres que afirmam não ser compreendidas são precisamente aquelas que os homens compreendem melhor. — ISARN

Um avicultor de Norfolk, o sr. F. W. Riches, instalou no seu galinheiro um aparelho de rádio, que, todos os dias, transmite músicas e verificou que a produção de ovos aumentou 10 %.

«As galinhas — declara ele — não têm preferência entre os vários programas...

Daqui se conclui que as aves de Marte não possuem ouvido musical e que não distinguem entre Beethoven e esguelada cuspedeira de canções.

Pena é que o Sr. Riches não tivesse verificado com rigor científico qual era a música ou a voz que fazia aumentar a produção dos ovos...

Um rotativo de Londres, dos tais que preservam a tradicional austeridade britânica e o impar sentimento conservador das gentes do Reino Unido, comentou, há dias, muito a propósito: «Nestes três últimos meses, morreram nesta cidade onze pessoas que já haviam passado a casa dos cem anos. Se não adoptam providências tendentes a remediar tão deplorável aspecto da situação sanitária, Londres corre o perigo de perder todos os seus centenários».

**A mulher pode sempre governar o homem à sua vontade, contanto que possua algum espirito, bastante beleza e pouco amor.** — FONTENELLE.

Uma jovem enviou à secção de grafologia de um jornal algumas linhas traçadas pelo punho do seu namorado. Pedia que a respeitosa redactora analisasse o carácter do seu futuro consorte. «O indivíduo em questão é um homem muito amável» — responderam —, «mas também um boémio de marca. E eu que o diga, que estou casada com ele há seis anos».

# INSECTOS MUSICAIS

COM paciência verdadeiramente... japonesa, conseguiu esse povo aperfeiçoar a natureza, e o seu êxito no género é, sem contestação, a criação e educação dos insectos musicais, que se vendem por um preço exorbitante.

Quando se é recebido, no Japão, em casa de alguma personagem respeitadora das antigas tradições, após o farto cerimonial dos salamaques em uso, o visitante é conduzido a uma varanda em que os perfumes exóticos se misturam ao perfume das rosas e dos crisântemos dos jardins.

Ali, os japoneses, em trajes nacionais, bebem o aromático chá em porcelanas antiquíssimas. Observam o mais absoluto mutismo e escutam, como em um sonho, a mais bizarra e delicada música que vibra deliciosamente no silêncio embalsamado da noite. É o canto dos insectos musicais, prisioneiros em pequenas gaiolinhinhas douradas, suspensas do tecto e escondidas por entre ramos de flores, de folhagens e de plantas raras.

Não se sabe se ainda hoje os japoneses que tanto se esforçam pela sua ocidentalização, ainda perdem tempo nestas terníssimas manifestações de delicadeza.



Para não fugir à regra, Jane Powel também gostava dos tais — daqueles que prescindem da brilhantina. Mas a nova chegou-lhe aos ouvidos — uma boa (ou má) nova de que o leitor se vai inteirar mal chegue à oitava página, e como mulher prudente e zelosa tratou logo de adquirir ferramenta para o seu tocador. O sorriso confiante e sereno que o seu rosto espelha é o júbilo do dever cumprido. O «feliz» a quem ela vai oferecer o presente que na foto exhibe, tem, desde já, com que alisar as «repas».





**Cozinheiros  
de trazer  
por casa...**

**A** LÉM dos cozinheiros de profissão que amassam o pão de cada dia com o suor do seu rosto (e do seu corpo inteiro), homens há que, pela força das circunstâncias, ou por mero prazer exercitam também a culinária. É o caso destes dois simpáticos rapazes que, de sorriso nos lábios e «batuta» na mão, compõem esse tratado de optimismo a que chamamos *bom prato*. Ao leitor, que matou há pouco o bicho, terá começado a nascer água na boca, hein, amigo? Mas permita que lhe diga que divergimos na ideia: integerrimos conservadores, em questões de culinária, preferimos e preferiremos às excelências de um bom cozinheiro as delícias de uma cozinheira... boa.



**JOANA SERÁ «SANTA JOANA»!** Jean (Joana) Seberg ganhou um concurso internacional: será a vedeta do filme «Santa Joana», baseado na obra de Bernard Shaw, numa adaptação de Graham Greene. Jean foi escolhida entre 18.000 jovens. Realizaram-se concursos de 50 mil quilómetros durou 37 dias. A primeira volta de manivela será dada no dia 2 de Janeiro de 1957, em Londres. Jean Seberg será a intérprete mais jovem da personagem que tornou célebres grande número de artistas, que consideram esse papel o de maior relevo para uma actriz consagrada. Jean (Joana) vai ser Joana, a Santa.

## “neons” da Avenida

**E**UGÉNIO Salvador diz numa roda de amigos:

— Posso orgulhar-me de ter na minha companhia as mais lindas mulheres do teatro. As mais lindas e as mais jovens — acrescenta. — Salvo uma excepção, aliás honrosa, nenhuma passa dos trinta.

— A excepção é a Beatriz? — aventurou o Matos Moura.

— A Beatriz Costa, não; a Teresa Gomes. A Beatriz ainda está bem conservada para os seus... cinquenta.

★

**D**IÁLOGO entre leitores da «Plateia»;

Pergunta um: — Por que será que o Samuel Dinis, tão correcto a escrever o nome, não o é como os que escrevem?

Arrisca outro:

— Questões de ortografia, meu velho. Esta gente nova não lhe põe o W.

Logo o terceiro:

— Eu cá... ãã ãã.

**NA CONTRA-CAPA:** Pitoresco instantâneo de Paris, nos proporciona esta simpática e despreziosa jovem. Numa gare de caminho de ferro, alheia a convencionalismos, não teve qualquer dúvida em exhibir para o fotógrafo alguns dos



coloridos quadros que levava consigo. Afinal o mais sugestivo quadro está, própria-mente, em todo este conjunto — uma cidade e uma rapariga, a ambas cheias de cor, pelas quais todos gostarem de passar os olhos...

## A CONTECEU NA AMÉRICA!

**Funcionário dos Serviços de Emigração dos Estados Unidos** — Já esteve alguma vez na Rússia?

**Visitante britânico** — Sim.

**Funcionário** — Com que fim?

**Visitante** — Ver e falar com o sr. Stalin.

**Funcionário** — Foi uma visita social ou política?

**Visitante** — Política.

**Funcionário** — Estava empenhado em algum assunto comum com Stalin?

**Visitante** — Estava empenhado em dar-lhe a maior ajuda possível.

**Funcionário** — Acha que sem essa ajuda o governo dele poderia cair?

**Visitante** — Era muito provável.

**Funcionário** — Foi alguma vez radical?

**Visitante** — Sim; nos primeiros anos do século vinte. Depois mudei de ideias.

**Funcionário** — Defende alguma forma de governo contrária ao regime em que vive o povo norte-americano?

**Visitante** — Sim.

**Funcionário** — Qual é?

**Visitante** — Sou partidário convicto da monarquia. Creio nos reis, especialmente nas rainhas.

**Funcionário** — O senhor parece-me uma pessoa muito duvidosa e terá de ir para a ilha de Ellis enquanto consultamos a sua ficha na Scotland Yard, de Londres. Como se chama e qual é o seu domicílio?

**Visitante** — Winston Churchill, 10 Downing Street, Londres.





## MAURICE não envelhece

Para Maurice Chevalier o calendário não conta. O grande fantasista — que já cumpria 68 — dá mostras de um frescor e duma vitalidade impressionantes. Estas duas fotos colhidas com um intervalo de vinte anos são a prova documental da sua juventude perene. As personagens são exactamente as mesmas e até as poses são iguais: Em cima a sua filha Nicole; em baixo a actriz Nicole Parent nos joelhos do grande «Momo» que parece mais jovem na imagem recente.



## CURSO DE FAQUIR POR CORRESPONDÊNCIA

**L**XCEDEU a melhor expectativa o curso de faquir por correspondência promovido pela nossa revista.

Comprovando o interesse suscitado entre os leitores, recebemos dezenas de cartas a protestarem que a ideia fora ótima e que a seguir ao curso em curso, poderíamos inaugurar outros como por exemplo os de tatuagem aplicada aos merceiros, alfaiates, padeiros, homens de talho, etc.; o de manipulações para viver feliz; o de mumificação de sogras a fim de que «aquelas santas» sejam eternamente veneradas nos Manes Domésticos..

Dentro do possível, prometemos considerar todos os alvites. E agora, vamos à

### LIÇÃO II

#### A DETENÇÃO DO PULSO

Toda a gente pode conseguir deter o pulso, ao primeiro ensaio. O truque é fácil. Basta colocar debaixo da axila um pedaço de pano enrolado em forma de bola. Depois comprime-se fortemente o braço contra o peito (os encolhidos têm um jeito especial para isso) e a bola de pano ao apertar a artéria humeral, faz desaparecer as pulsações. Solta-se o braço e tudo volta à normalidade.

**N. R.** — Não sabemos bem até que ponto esta prática poderá interessar aos nossos leitores. No entanto, resolvemos não deixar o curso incompleto e muito reverentemente solicitamos ideias para a sua aplicação.

PRÓXIMA LIÇÃO

(Sensacional)  
**ENTERRADO VIVO**



**HÁ SINCERIDADE NISTO?** — Com gritante desprendimento, Marilyn Monroe em plona via pública, propinou um beijo em Sir Laurence Olivier. E os respectivos consortes (o escritor Arthur Miller e actriz Vivien Leigh) viram e sorriram... Mas por detrás daqueles sorrisos...

## O sangue azul sobe-lhe à cabeça...

Sádia, jovem, louçã, a Princesa Brígida da Suécia encontra nos exercícios gimínicos um meio benéfico de prolongar a sua radiosa juventude. Cidadã de um país onde a cultura física é instituição nacional, a filha de um rei, não se esquece de que os bons exemplos devem vir de cima. Aqui a vemos recebendo no ginásio do seu palácio uma lição matinal. Nesta posição, o sangue azul deve subir-lhe à cabeça — mas parafraseando o padre António Vieira para uma mulher conservar a graça das princesas tem de se por às avessas...







## ADEUS, TRISTEZA ..

Os dois escritores mais lidos — e mais bem pagos — dos últimos cinco anos encontram-se casualmente na escadaria de um clube. Cécil Saint-Laurent, sempre apressado, descia os degraus quatro a quatro; Françoise Sagan, sorridente, descia-os à maneira de colegial.

O sorriso de Françoise causou surpresa, pois a festejada autora, de «Bonjour, Tristesse» nunca costuma sorrir. No semblante triangular traz sempre estampada uma expressão de estranha melancolia. Pois os directores do clube aproveitaram aquele sorriso que, certamente não foi de circunstância para recolherem no seu livro de ouro uma assinatura traçada por mão que também vale ouro.

Espera-se que o gesto e o acontecimento mudem definitivamente o semblante de Françoise Sagan.

Nessa mesma noite, ela deixou-se acompanhar de um homem espirituoso e de grandes bigodes, personagem nova de uma história de crianças muito lida em França.

— O único homem que me fez sorrir em toda a vida! — declarou Sagan.

Adeus, tristeza...

# UÃO ACABAR OS CARECAS? E DEPOIS...?



O caso deu-se em Glasgow. Dois velhos de setenta e tantos anos foram ao médico para se tratar da arterioesclerose. O facultativo receitou-lhes Ronicol (preparado que se vende nas farmácias inglesas, custa seis shelings, persegue o fim fundamental de diminuir a tensão e não é anunciado nos programas rádio-publicitários do meio dia). Passou algum tempo e os dois velhinhos declararam-se satisfeitos com o resultado: sentiam-se muito melhor e, entre outras coisas — disseram, — tinha-lhes começado a crescer novamente o cabelo.

Não era a primeira vez que doentes tratados com Ronicol afirmavam ter experimentado coisa semelhante, e a casa produtora daquela droga pediu aos médicos que se pronunciassem a tal respeito. Os dois galenos, que trabalhavam no Stock Mandeville Hospital, em Buckinghamshire, puseram as mãos à obra. As amostras en-

viadas pelo laboratório seriam experimentadas no pessoal calvo do mesmo hospital; mas a coisa conistou e começaram a aparecer voluntários. Oitenta e cinco carecas de vários condados da Grã-Bretanha, incluídas várias mulheres, apresentaram-se aos médicos para servir de cobaias. Cada qual recebeu uma ração de pastilhas e alguns conselhos. O Ronicol — cuja função principal consiste em baixar a pressão sanguínea — tem de se tomar em doses prescritas pelo médico, pois, de contrário, pode provocar desvanecimentos e tonturas. Antes de regressarem às suas casas, os crâneos experimentais foram fotografados, um a um, a fim de se organizar um arquivo de cabeças «antes da cura».

Entretanto, os médicos procederam à análise do medicamento, para averiguar, se possível, qual dos seus componentes fazia crescer o cabelo. Talvez se trate de uma substância específica, mas não parece provável. Também pode acontecer que a causa principal do crescimento capilar reside no benefício geral do paciente, produzido pela cura. É possível que o efeito não possa dissociar-se do actual complexo.

É o caso que os calvos nunca estiveram tão esperançados. Dois deles afirmaram que «qualquer coisa lhe crescia sobre o crâneo». Sabido é que os calvos se sentem tão felizes com o que acontece por cima da sua testa como os adolescentes com o que se passa nas suas faces: a mais leve suspeita de um pelinho os põe alvo-ça-

dos: «Barba! Já tenho barba!» E isto é o que acontece agora.

Pelo menos dois cobaias de frente luzidia encaram a coisa com muito entusiasmo. Tommy Thompson, que trabalha no economato do hospital, protesta que lhe nasceram seis cabelos em território até há pouco deserto. Fran Haynes — oficial do Corpo de cadetes — define-se como «calvo de família». Todos os varões da sua ascendência foram calvos e ele — apenas com vinte anos — começou a perder cabelo; e agora há outros vinte que ele tem a cabeça lisa qual bola de bilhar. Disse que a calvície não o preocupava absolutamente nada. Foram os médicos que o convenceram a ingerir quatro pastilhas e a aparecer para mostrar resultados. Também Haynes afirma que já tem uns pelinhos. Contudo, mais optimista do que ele devem ser os seus colegas, que, há dias, lhe ofereceram um pente.

Quanto aos médicos, estes ainda se não pronunciaram em definitivo. Mas seja qual for o seu parecer, afiguram-se-nos que não convém baixar demasiado a pressão sanguínea — e muito menos pôr termo a certa preferência do sexo belo...

... DE QUEM GOSTAM  
ELAS MAIS?





Cristina da Suécia (1626-1689) foi proclamada rainha aos seis anos de idade. Assumiu o governo do seu país dez anos mais tarde.

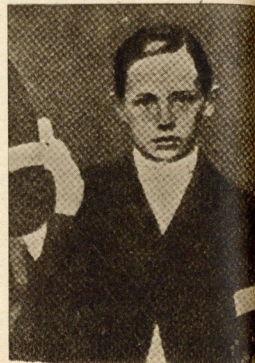
GRANDES  
desde  
PEQUENOS



Jackie Coogan, extraordinário actor, gravura reproduz uma cena de «The Kid», peça que lhe valeu o aplauso do mundo inteiro.



João de Médicis (1475-1521) foi Papa depois de ter sido cardeal aos treze anos.



Arthur Rimbaud (1854-1891) revelou-se grande poeta aos dezasseis anos. Três anos depois escreveu todas as suas obras e iniciou vida nova — a de vagabundo.

## TEM CONFIANÇA EM SI PRÓPRIO?

- 1 — Utiliza papel de carta, conforme a pessoa a quem se dirige?
- 2 — Quando escreve o endereço, repete o número da porta, por exemplo, 71, Rua do Ouro, 71?
- 3 — No restaurante, paga sem verificar a conta?
- 4 — Hesita em afirmar a sua predilecção por determinado filme, quando os amigos não simpatizam com ele?
- 5 — Em viagem costuma ocultar a idade ou a profissão ao preencher a ficha do hotel?
- 6 — Aproveita o preço dum mercador quando essa mercadoria está desvalorizada?
- 7 — A gorgeta que dá no restaurante varia, consoante está ou não acompanhado?
- 8 — Aceita, imediatamente uma entrevista telefónica marcada para o dia seguinte?
- 9 — Quando entra no gabinete do seu chefe na ausência deste, sente-se tentado a deitar uma olhadela a todos os papéis a fim de descobrir qualquer coisa confidencial?
- 10 — Prefere guardar um casaco de estimação a uma camisa ou outra peça de vestuário?
- 11 — Fala em voz alta das suas relações?
- 12 — Costa de fazer crer que ama o trabalho?
- 13 — Muda com facilidade de opinião e conforme o ambiente que o rodeia?
- 14 — Hesitou em responder a esta questão?

Cada «sim» vale 1 ponto.

De 0 a 3 pontos: É firme como uma rocha.

De 3 a 7: Bravo! Tem carácter, pode ser alguém na vida.

De 7 a 12: De natureza um pouco inquieta, faça um esforço sobre o «eu».

Superior a 12: A timidez não o deixa tirar partido das suas qualidades.



## ... E É ASSIM QUE NOS LEVAM...

— Eu sei, meu querido, eu sei bem que és tu que pagas as contas da modista, do sapateiro e do instituto de beleza. Mas deixa lá, a vida sem sacrifícios não presta. E tu és tão bonzinho e tão bonito!

— Bonito? — disseste tu. Está bonito! Está bonito! Eu fazer horas extraordinárias na repartição, deitar-me às tantas, privar-me dos jornais desportivos, andar enlatao nos eléctricos que vão para os Prazeres, deixar de ver o Benfica!... Só para te sustentares todos os prazeres e todos os caprichos!

— Tá bem. Tá bem, querido mas tu és tão lindo! Olha vem cá, põe-te de cócoras como os meninos pequeninos e faz beicinho para eu te fazer uma festinha...



## ASSIM SE ALUMIARAM OS HOMENS...

**D**A discussão nas trevas não nasceu a luz.

Por isso o desejo de o homem se alumiar é tão velho como o próprio homem; vem de tempos imemoriais.

Como primeira fonte luminosa, o filho mais velho do nosso pai Adão — e o próprio Adão (quando veio à gleba celeste para o negrume da Terra) utilizaram como fonte luminosa, a luz de fogueiras — processo de iluminação que percorreu milénios. Homero conta em «A Odisseia» que os gregos, para alumiar os grandes recintos, encostavam às paredes pequenos fogos de lenha.

Os povos civilizados da antiguidade já possuíam lâmpadas de azeite; e nos meios mais modestos, este sistema era substituído por achas de pinho ainda resinoso.

Como pedestais destas «candeias» empregavam-se suportes de ferro forjado que foram os precursores dos candelabros de mesa e de pé e teriam sugerido os lustres faiscantes das famílias favorecidas.

Ao ar livre, usava-se também a velha tocha que, no feitiço, não dferia muito da que na província costuma iluminar os tristes mortais no seu deambular até à última morada.

A luz da tocha, resistente e difícil de apagar, obtinha-se naquele tempo envolvendo sarrafos de madeira em estopa e enxofre e empapando-os em azeite.

Os romanos dispunham de velas preparadas à base de fibras de papiro e cordas delgadas de cânhamo, embebidas em cera.

No entanto, até ao deablar da Idade Média, a vela não destronou a acha de pinho nem a tocha de enxofre.

A bugia constituiu durante muito tempo a iluminação da gente rica; enquanto a vela de cebo era o «sol da noite» entre os humildes.

Colocando bolas de vidro cheias de

água à volta destas luzes, obtinha-se uma iluminação mais viva.

A vela sofreu grande evolução, durante a qual o seu fabrico à base de estearina e parafina foi largamente difundido.

A luz de azeite foi melhorada por Jerónimo Cardero e por Leonardo da Vinci.

Em 1780, Carcel inventou a lâmpada de azeite a pressão, e em 1836 Franchet criou a lâmpada de luz regulável.

Pouco depois veio a época do gás, iniciada entre 1812 e 1814, em Londres e em Paris.

Em 1850, Drake criou a lâmpada de petróleo, e Aver de Welsbach o melhor universal. O mesmo Aver aperfeiçoou também a

iluminação de gás: Tomás Edison imaginou, posteriormente a bombinha eléctrica e em 21 de Outubro de 1879 a primeira bomba eléctrica incandescente.

Em 1881, a luz eléctrica foi exibida pela primeira vez na Exposição Universal de Paris.

O nosso século, chamado das luzes trouxe-se novidades sem conta: a luz fluorescente, que transforma certas salas de desenho e certas repartições em verdadeiras fábricas de miops; o candeiro tipo usado dos escritórios de recepção e os tornequetes muito torcidos dos quartos de núpcias (o que não admira...)

E por aqui pode o leitor imaginar as torturas sofridas pelos nossos avós que já não viveram o bastante para ver... «bode dar à luz»... — um bode que é expiatório quando a luz nos falta!...

E a luz é tão essencial à vida como o pão de cada dia. Um célebre poeta germânico (Goëte) disse ao morrer, precisamente quando os olhos se lhe fechavam: Luz, mais luz ainda!



## MUITO CONHECIDO, SIM... mas de quem se trata?

**F**ILHO de uma família humilde, nasceu na nevoenta capital de Inglaterra. Conseguiu alguns meios de fortuna. Foi viver para os Estados Unidos da América. Neste grande país usou um nome suposto e, rapidamente granjeou posição de relevo. Era — e é — um homem polifacético. Mostrou-se bondoso e altruista. No entanto, raras vezes, as pessoas por ele favorecidas lhe tributaram a gratidão devida. Costumava trajar muito pobremente. Quando, mais tarde, apareceu a vestir com elegância, a omissão daquele rasgo de originalidade foi muito lamentada. E pai de filhos cujas idades oscilam entre os dois e os trinta anos. A sua fama corre mundo.

Agora, segundo, se anuncia, vai abandonar a arte que o consagrou e retirar-se para a privada.

Mas, afinal, de quem se trata? O leitor tem obrigação de saber, mas se não descobrir veja a solução na página 20.



Em Wimbledon (Londres) todos chamam de Nikki, um ursinho muito inteligente que faz tudo o que fazem os homens. E porque imita os homens em tudo, a princesa Ana quis levá-lo ao «Court» de ténis para o industrial na aristocrático desporto. Nikki não desiludiu na experiência. Deu uns pulinhos, bramiu de alegria e falhou umas quantas bolas de serviço, o que não admira, pois era a primeira vez que empunhava uma raqueta. A imagem que publicamos mostra-nos Nikki um pouco embaraçado. Como há-de ele conseguir um livro de regras de ténis que lhe desfaça uma dúvida... Não — pensa o ursinho — o árbitro prejudicou-me. Quando a bola bateu no outro lado da rede o ponto devia ser contado a meu favor. Estes árbitros são tão maus como os de futebol. E ainda chamam ursos aos árbitros...

## ... E AS MULHERES TAMBÉM

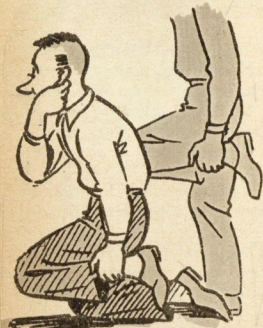


# VEJA SE É CAPAZ...



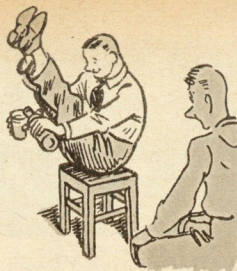
## CUIDADO

Salte sem largar o pé. Talvez se ajcite mais com a outra perna... ou com o pé de trás.



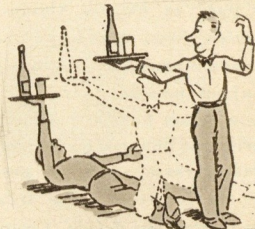
## ANDAR À CEGONHA

Com a mão direita segure a orelha esquerda; e com a mão esquerda, a perna direita. Depois, nesta postura, levante-se de um pulo, sobre a perna direita.



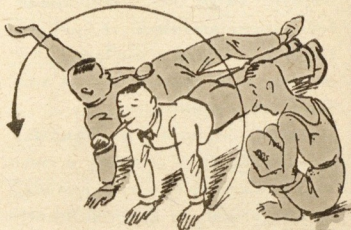
## A SUA SAUDE!

Se conseguir beber nesta posição, poderá saborear o nectar dos Deuses até à última gota.



## CURSO ESPECIAL DE CRIADOS

Sem se apoiar com a ajuda da mão «disponível» deite-se de costas e levante-se outra vez, mas sem deixar cair a bandeja. Depois repita o exercício, mudando de mão.



## AI QUE GIRA, GIRA!

Dê uma volta sobre o flanco sem que a batata caia da concha da colher.

**LIVRA, NEM SEQUER O PAI LHE ESCAPA!** — Este pirralho que não tem mais de cinco anos, nasceu para tombar gigantes. O papá cometeu o graça (ou o erro) de lhe ensinar Judo e o aluno superou o mestre. Chama-se Allan Dickie e a sua mestria no jogo nipão corre fama por toda a Inglaterra. Contam-se a seu respeito as mais inverosímeis façanhas. Um repórter do «Sunday Pictorial», donde extraímos a notícia, não acreditava e quis tirar a prova. Penosa experiência. Caiu nas mãos do miúdo e ficou a dormir. Allan Dickie, que nem ao papá perdoa, não teve contemplações com o incrédulo jornalista. Este foi ver para crer e trouxe que contar...



## “MISS UNIVERSO” (POR ENQUANTO...)

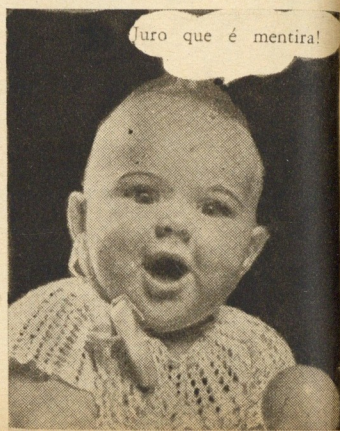
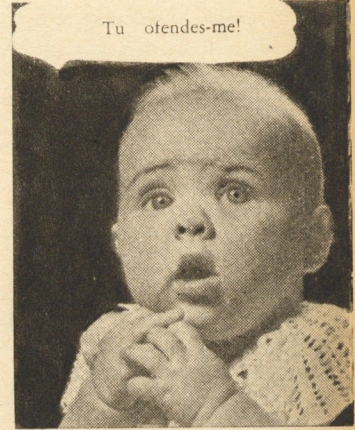
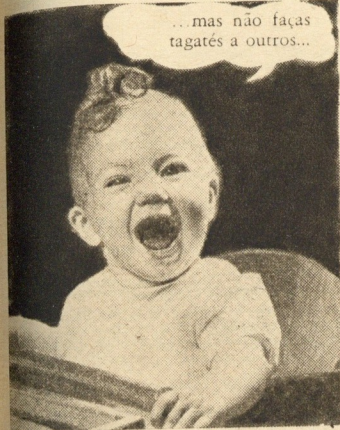
A beleza — dizia Bion — é um proveito para os outros. No entanto, da sua própria formosura ninguém deve ter extraído melhor proveito do que esta beldade germânica. Peter Schumann foi recentemente eleita «Miss Universo» num certame de Londres realizado a semelhança do famoso Concurso Universal de Long Beach.

Parece que ao ser pronunciado o verdicto que lhe conferiu o galardão efêmero da mais bela mulher do mundo, houve protestos veementes de certo sector. Nem outra coisa era de esperar. Cada cabeça, cada sentença. «A beleza não passa de uma armadilha que a natureza arma a razão dos juizes... de beleza.





# “FLIRT” PRECOCE





# SAINDO... DAS SAIAS

**C**USTA a crer que a mulher dentro dela entre: «saia» Há, contudo, o amoroso conselho: «amassa-a»...

As dificuldades internacionais existentes, já estão resolvidas. Assim: na França, a mulher «demi-nue» é aquela que «diminui» mesmo os vestidos.

Demais, já existe o «robes»! Todos roubam; o caixeiro na medição, a costureira no comprimento e a criada no guarda-vestidos...

Que poderá restar, pois, de um vestido em Paris? Sômente «arroubos» de nudez em «arrosas» de fazendas e «quilos» de escudos.

Na Espanha, «enagua» que o pano enrolhe. A própria «levita» qualquer vento suspende a carga...

Um «sottanino», na Itália, é um vestuário adstringente, apertado — embora a Sofia Loren se sinta muito dentro dele...

A «vestment» ou «suit» na Inglaterra, é uma «veste» que «mente» também no nome e que já deu, há muito tempo o «suite» no tamanho. Hoje, as inglesas, dos vestidos só têm o «address»... dos costureiros...

No próprio Japão, que é o «kimono»? Vestuário de macaco. E os monos andam vestidos?...

Sou de opinião que a saia deve ser totalmente abolida. É estúpido que os homens exclamem a cada passo, ao verem uma mulher vestida à moda: «Assãe-a»!

Há uma «combinação» entre o vestido e o corpo feminino. É uma peça do vestuário que pode entrar e sair à vontade ou que fique, «entre e saia».

Uma indecência é a apresentação por um marido, de alguém à sua mulher, determinando: «abraçai-a»!

Quem será capaz de abrir?...

Mas, eu duvido que tal marido conclua a apresentação, dizendo «sobraçai-a». Se a roupa mal chega, como é que sobra?...

São as mulheres mesmo, que impedem umas às outras, de «fazerem figuração com pouco pano». Qual é a que deseja que a outra «sobraçai-a»?

A posição da saia é um convite de assistência a uma exposição. Quando a mulher apenas murmura: «saia»... (o homem nem se «ensaia»); «entra».

Pois não somos nós, os homens, que em descobrindo «saia curta e fina», fazemos logo «vistas longas e grossas»?!

Que a «saia curta» não «saia» da circulação, nem «curta» a privação dos nossos olhos...

...E, convençamo-nos de uma vez para sempre que o «vestido» é uma «veste...ida».

P. ROMARIZ

**NA CONTRA-CAPA:** Este pimpolho, que deve ser a gracinha do papá e o ai-jesus da mamã, veio-nos às mãos, fotografado nesta expressão curiosa. Que quererá dizer ele na sua? «Dez libras pede por um olho, o outro dou eu por isso...»? Não, que ideia! O inocente nasceu sem ambição desmedida que move a gente crescida. Não pensa ainda em pecúnia. Talvez entretenha a imaginação pequenina com as coisas do sentimento. Arriscamos uma conjectura: sentada a sua mão direita deve estar uma Lollo da sua idade e do seu tamanho; e ele, que não sabe articular dirá, por gestos, exactamente aquilo que nós, na infância, dizíamos, zangados ao «noivas» caprichosas: não olhes que eu também não olho!



**PERDERAM-SE NO JARDIM!** Michael de três anos e Elaine de dois, que se tinham iludido a vigilância dos progenitores para um «flirt» combinado no St.º Mare Harkney, de Londres, foram encontrados pela polícia já depois de encerrado o umbroso recinto. O seu diálogo arrastou-se por longas horas.

Interrogada Michael respondeu que o «seu» pai-zinho era americano e trabalhava numa base. «E eu vivo numa «roulotte» que subiu ao alto de um monte — declarou Elaine. Não sabiam dizer mais nada.

Conduzidos à esquadra, ali esperaram, seis horas até que a polícia conseguiu descobrir os papás angustiados.

O amor que nos animais é puro instinto não serve apenas de motivo às fábulas nem de mote aos poetas que desferem a lira. Serve também, muitas vezes, de exemplo edificante, construtivo donde se pode extrair lição viva.

Aqui temos um caso singular

de ternura animal a ilustrar a proposição. Ennie e Esther, dois tigre-zinhos gémeos nascidos em Junho deste ano, foram «educados» pela mamã Nepti, e a vida dos três constitui presently a maior atracção do Jardim Zoológico de Londres onde ocorre todos os dias centenas de pessoas para admirar o carinho maternal da fera amansada. A gravura dá uma pálida sugestão do modus vivendi daquela «trindade». Ennie e Esther traquinas como todos os «meninos» não deixam repousar a mãe que vigia todos os passos das suas travessuras...



## EXERCITE O SEU VOCABULÁRIO

**A** PRESENTAMOS seis grupos de três palavras, cada uma das quais composta de quatro letras. Descuberta uma delas, de acordo com o seu significado, a simples troca de letras fornecerá outras duas, ainda de harmonia com os seus significados.

Se não aceitar em cheio, aconselhamo-lo a rever o seu vocabulário.

- a) — destilar  
b) — alto preço  
c) — rocha
- a) — grude  
b) — experiência  
c) — fuma
- a) — homem que sabe fingir  
b) — mamífero roedor  
c) — direcção
- a) — essência imaterial do homem  
b) — mamífero ruminante  
c) — caixa revestida de couro ou lona
- a) — cola espessa  
b) — antigo sacerdote da Pérsia  
c) — espécie de veado
- a) — género de plantas trepadeiras  
b) — ciclista famoso  
c) — ponta aguda

(Respostas na página 29)





## ALBUM

Em cada terra, em cada bairro, em cada rua, há, pelo menos, uma rapariga bonita que se não exime a um instantâneo feliz da objectiva. Esta jovem estuante de frescura e de beleza pôs de parte obsoletos preconceitos e permitiu a ousadia do fotógrafo. Quem é? O nome não o revelamos; ocultá-lo foi a sua única cláusula, mas estamos autorizados a dizer que mora ali para Alvalade num 115-A muito acolhedor. Costaríamos — e estamos certos de o conseguir — mais umas quantas caras bonitas desta Menina-Lisboa para o álbum da nossa revista. Vá, raparigas sonhadoras, deponham esses preconceitos e mandem a vossa foto preferida.

# PARA adivinhar

Pode ser curto ou comprido;  
 Pode ser grosso ou delgado;  
 Quase sempre anda escondido  
 Quando não é procurado.

Quando é chamado a servir  
 Tem a mão de o trazer;  
 Bem direito e bem roliço  
 O seu uso dá prazer.

E depois de estar metido,  
 Em certa fenda alongada  
 Vai sempre diminuindo  
 Trazendo a ponta molhada...

Uma vizinha que eu tenho  
 Espanhola, forte e bela,  
 Pedê às vezes, com empenho,  
 Que eu encoste o meu ao dela

De três sílabas composto  
 E sete letras tem só;  
 É coisa que até dá gosto  
 Tem C R, acaba em O.

ΟΙΕΣΠ  
 ΟΥΑΝΤΟΣ

## MODERNISMO

Muito interessado, o condenado à morte sentou-se na cadeira eléctrica e pergunta ao carrasco:

—...E antes de ser eléctrica, era a vapor?



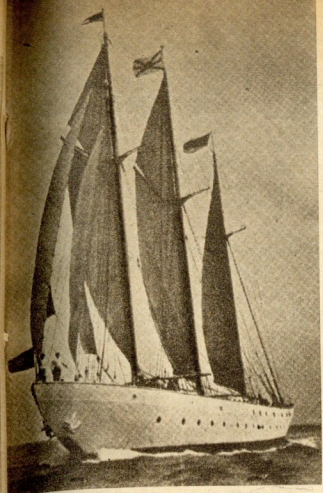
Ele: —Que bem tu sabes beijar.

Ela: —

—Juro que és tu o primeiro.

Ele: —

—Então tiraste o curso por correspondência?

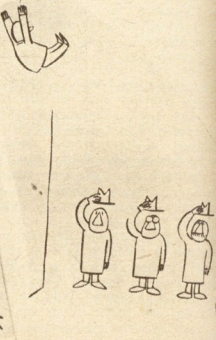


O barquinho de velas cheias ao vento não lhe diz nada, mas o seu tripulante masculino que se vê ao lado, guarda um rosário de contos para desafiar. Trata-se nem menos de Hans Hass, o famoso pioneiro da exploração submarina ao qual se devem surpreendentes revelações sobre o mundo misterioso das profundezas do mar. Diz-se até que ele fala com sereias e recolhe num vaso as suas lágrimas... Esperámos pois que o periplo que está a realizar o traga à ocidental praia lusitana. Então, juntar-nos-emos todos para pedir a esse homem de lenda que averigüe se no fundo do Tejo ainda moram as ninfas inspiradoras do épico. E se ele nos garantir o facto, sobre palavra, seremos os primeiros a deitar-nos ao rio no cais das colunas...

JA VIRAM DISTO? — Eis a última criação da rendosa indústria manufactureira de tabacos: um cigarro gigante que dura para um dia de verão e acaba na manhã seguinte. Mais económico e mais prático que o dos maços de vinte unidades? Mais económico, não sabemos pois a novidade ainda cá não chegou para a nossa tabaqueira tão frugal nos seus lucros tabelar o preço... Mais prático talvez. O fumador que fumeiga escusa de levar tantas vezes a mão ao bolso. Enrola-o no pescoço, ou prende-o à cinta e tem a «chupeta» sempre pronta a usar. E sabem donde nasceu a sugestão para estes cigarros? Não foi das salchichas de talho, não senhor. Foi das torcidas de candeeiros a petróleo.







**UMA MULHER E MIL HOMENS** — Martine Carol a «bomba francesa» como lhe chamam, «caiu» em plagas orientais e causou a mesma sensação de quando deflagrou no Ocidente. Embora a habituados a venerar outras linhas de beleza, os chineses de Hong-Kong e até os próprios naturais da ilha renderam-se incondicionalmente ao feitício da sua plástica e ao enlevo da sua arte. A lotação do Teatro «Roxi», de Vitória, esgotou-se, durante noite consecutivas. E cá fora, foi o delírio. A gravura é bem elucidativa. — Martin fez sorrir de encanto os asiáticos, por norma sisudos e por natureza «amarelos» — que a consideraram adorável sedutora, gentilíssima, verdadeiramente compreensiva, camarada e fantásticamente bonita.



Só lhe faltava esta! Danny Kaye que tem feito tudo na vida (na vida artística, claro está...) resolveu, também aprender danças orientais. Disse ele que para apresentar um reportório mais variado. E não esteve com meias medidas. Na impossibilidade de fazer a aprendizagem *in loco*, como era seu desejo, chamou ao seu apartamento uma bailadeira exímia para lhe ensinar a gesticulação e o movimento das cadeiras. O que impressiona é que, sendo ele um homem que nasceu para bailar ainda não tenha tirado um curso que enctou há seis meses. A monitora acompanha-o para toda a parte, a fim de que as lições não se interrompam. É bonita, é roliça, é tostadinha e as más línguas já falam...



# O CLIENTE QUE NUNCA PAGAVA

(Aqui prossegue o relato da vida aventureira de Anthony Parkington, o homem condenado a cinco anos de cadeia, depois de se haver escapulado de 521 hotéis sem pagar a conta e ter cometido mais duas centenas de outros delitos.

Nas primeiras laudas transcritas do «seu diário» elaborado durante os anos de reclusão, Parkington contou-nos a maneira audaciosa como travou conhecimento com o Aga Khan e os benefícios que colheu do convívio com o príncipe).

Dizia eu que por motivos óbvios não costumava permanecer em cada hotel mais de uma semana. Tão pouco me teria demorado mais de oito dias no hotel C, se o Aga Khan, muito gentilmente, não tivesse abonado a minha conta. O caso passou-se assim:

Uma tarde, entrei no bar do hotel para tomar um cálice de Jerez.

— Ponha na conta!

O Aga Khan convidou-me para a sua mesa.

— Parece muito preocupado, querido Parkington — disse-me.

Na realidade eu tinha posto uma cara a que a minha mãe costumava chamar «de cão perdigueiro».

— Acaba de se passar comigo uma coisa inaudita — respondi. — Quis pagar a conta com um cheque sobre o meu Banco de Londres... e esta gente negou-se a aceitá-lo. Naturalmente, vou-me embora hoje mesmo.

Isso — devo confessá-lo — tornava-se um jogo muito arriscado que não me seduzia (a culpa era do balcão que dava para o mar: agradava-me muito). O Aga Khan formalizou-se tanto com o tratamento a que submetiam o pequeno «mister» Parkington que mandou o secretário intervir na questão. Isso tinha eu de evitar a todo o custo, pois não havia oferecido à gerência do hotel nenhum cheque... e, por conseguinte, ela não o poderia ter recusado.

Por fim, consegui tranquilizar o príncipe; mas ele insistiu, de todos os modos, em dar-me um cheque em troca do meu. Com encantadora modestia afirmou:

— O meu cheque tenho a certeza de que não lho recusam.

Entreguei ao Aga Khan um cheque completamente inútil de noventa e três libras, recebendo em troca outro do seu secretário.

Quero confessar decididamente que não me servi das noventa e três libras para pagar a conta do hotel. Fiquei ali mais quatro dias, pois calculara que havia de decorrer pelo menos uma semana até que o príncipe enviasse o meu cheque para Londres. Parte da importância (o cheque cambie-o na caixa do hotel) distribuí-a em gorjetas pelo pessoal amável. Tudo isto me pareceu uma questão de princípios. Não queria perder a prática: se começasse a pagar as contas do hotel, o gosto podia tornar-se um hábito.

Os leitores hão-de perguntar: como pode um homem sair de quinhentos e vinte e um hotéis sem pagar a conta?

Não respondo pormenorizadamente à pergunta, mas vou expor alguns exemplos.

Viajo sempre com uma mala. No curso do meu processo as más línguas afirmaram que essa mala continha apenas ladrilhos. Foi uma calúnia. A verdade é que sou rato apaixonado de biblioteca: adoro os livros. Além dos indispensáveis artigos de tocador nunca deixo de levar na maleta umas duas dezenas de volumes. Pesam e distraem, ao passo que os tijolos só pesam. (Novelas policíacas, nunca as leio; acho-as demasiado emocionantes; em contrapartida, leio no original os grandes poetas gregos e romanos. Nada há tão formoso como a gente mergulhar no éstro de Homero em cama gratuita de hotel, junto de uma chávena de chá também gratuita).

A minha técnica consiste — falo sempre no presente, embora devêsse falar no pretérito; mas prometo emendar-me —, a minha técnica consiste, dizia eu, em comprar outra mala depois da aventura. Em qualquer cidade se pode adquirir um desses trastes por pouco dinheiro. Os meus livros e os objectos do tocador vou tirando-os do hotel, pouco a pouco, durante a se-

mana; um velho com um livro debaixo do braço é uma figura que suscita confiança. Depois, quando saio do hotel sem me despedir, deixo lá a minha antiga bagagem. Isto é vantajoso, pois, em caso de denúncia, descreve-se sempre a maleta em questão. Há novelas policíacas que têm nomes como este «O homem da maleta verde» como se a pessoa que comete um crime viajasse com uma mala dessa cor.

Uma vez — foi em Roma — tive a impressão de que por causa da mala me olhavam de maus modos. (Estas coisas não tam-se quando se tem prática), como queria evitar toda e qualquer perigosa explicação referente à conta do hotel, decidi aumentar o número dos tarcos de viagem.

No meu hotel instalara-se também o Rei Afonso XIII de Espanha. Afonso XIII era um dos reis mais reinados que tenho conhecido e um cavalheiro encantador. Sua Majestade dava uma pequena recepção no hotel. Embora se tivessem esquecido de me



convidar, misturei-me aos outros hóspedes. É próprio dos reis não conhecer pessoalmente todos os seus convidados. Curvei-me ante a figura régia e ele estendeu-me amavelmente a sua mão. Conversámos uns minutos, os bastantes para que uma das açaafatas da Rainha se apercebesse do nosso convívio. Pouco depois, entabolei conversa com a referida dama, que sem ser jovem permanecia encantadora. E o que sucedeu contar-vos-ei a seguir.

(Conclui no próximo número)



## A BELA E O TRIGO

No Brasil, onde como se sabe nesta altura é verão, realiza-se todos os anos uma linda festa — «A Festa Nacional do Trigo». O curioso certame ao qual as mais garridas moçoilas emprestam o sugestivo encanto da sua juventude louçã e que se destina a estimular a cultura do cereal precioso, teve, desta vez, a presença honrosa do presidente Kubitschek e decorreu com a singular animação e colorido. A imagem que damos à estampa mostra-nos uma gentil rapariga acariciando uma espiga sazoadada: A bela e o trigo ou a graça morena a brilhar na seara loira.





Mike no colégio de Miami escuta a sua professora, que procura orientá-lo pelo conhecimento e pela afectividade.

## O MENINO que aprende a ver

Foi em plena fase perguntadora. A criança empreenderá as suas primeiras incursões pelos recantos do seu pequeno grande mundo. Os seus olhos são compassos abertos sobre o universo representado por cores, perfumes e sons. Neste período um garoto, Mike Sibole, de quatro anos, deixou de ver. Ao invés de começarem a atingir a realidade, seus olhos desertaram da vida. Mike Sibole fora minado por um cancro. Os médicos na luta difícil para deter a marcha da doença optaram pela operação. Mike teve de ficar sem o órgão que o colocaria como espectador atento às paisagens diárias. Começou, então, uma etapa árdua, a de aprendizagem. O pai de Mike, o pastor Sibole, utilizando os modernos métodos de reeducação visual, iniciou a tarefa. Mike reagiu bem. Como o pássaro cego que não paralisou seu canto,



o garoto de quatro anos reencontrou-se com seu mundo interior. Daí partiu para tudo que existe de belo no contacto com os objectos, com brinquedos, com sons traduzidos em afecto. Foi para um colégio em Miami onde, então, começou uma segunda etapa de aprendizagem, agora sob a orientação de professoras especializadas. Lentamente, Mike vai associando os sons às cores do mundo que lhe foram roubadas na sua contemplação directa.

As alegrias puras da infância são sempre insubornáveis. Um pássaro cego não cessa o seu canto. Mike também não se deixou vencer.

**A NOSSA CAPA:** O leitor desavisado, se calhar... caiu no lago (?)... Mas não nos leve a mal a inofensiva partidinha com que o brindámos. Sim, agora, advertido, não lhe custará reconhecer que esta... Sofia é portuguesíssima e que não gostaria de ser italiana e... muito menos de se chamar Loren. Pruridos de patriótico orgulho e melindres de personalidade que não ofendem o patriotismo da autêntica Sofia. Aliás, a Leónia Mendes não mingua talento artístico nem atributos plásticos para rivalizar com a outra... Sofia



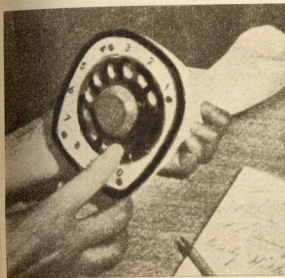
Claire Jensen, secretária do Hilton Hotel, de Chicago fez a primeira chamada.

## TELEFONE SINTÉTICO

...A última novidade para confidências a distância: o Ericofone. Assim é denominado a nova concepção do telefone, apresentada pela Independent Telephone Industry na convenção anual de Chicago. Uma peça única reúne o disco, o transmissor e receptor, e o seu tamanho é quase equivalente a metade de um telefone vulgar. Funciona com o mesmo sistema de linhas e conexões. Levando-o ao ouvido, estabelece-se a ligação. Para o desligar, basta colocá-lo no descanso...

...E vai ser um descanso para quem tenha umas das mãos ocupadas, ao falar à namorada...

Levante o Ericofone, disque o número e depois pode falar.



Aqui tem os leitores o reverso da medalha! O sexo belo que desde a primeira hora nos emprestara a melhor colaboração aparece aqui de olhar céptico no semblante, aliás mimoso e grácil desta garota excitante. De que desconfia ela? Certamente dos homens! Da nossa boa vontade, da nossa justiça, da nossa lisura, do nosso comportamento, da nossa compreensão, da nossa tolerância? Talvez. Mas se assim é, valha-nos, para conforto, uma verdade eterna: as mulheres têm mais que desconfiar das mulheres do que dos homens. Valeu?



# 6 histórias de ESCOCESSES

**1** Um casal escocês mostra a sua vivenda a uma visita:

— Aqui é a sala de música.

— Como assim?! Uma sala de música?! Não se vê nenhum instrumento!

— Realmente; mas é daqui que se ouve melhor o rádio do nosso vizinho.



— ★ —

**2** Uma representante da autoridade examina atentamente Mac-Radisk que fora encontrado morto numa praia da Escócia e diz, por fim, ao levantar-se:

— Não há dúvida de que está morto. Não se mexeu embora eu lhe tivesse resuscitado todas as algibeiras.

— ★ —

**3** Numa estação postal, MacLean abeirou-se do postigo dos telegramas: Quanto custa um telegrama?

— Vinte pennies por palavra; a assinatura não paga.

— Nesse caso telegrafo apenas a assinatura. A senhora vai estranhar, mas o caso explica-se:

Provenho de uma antiga família índia e chamo-me Velocisextapelamanha.

— ★ —

**4** Um escocês que tinha emigrado regressou ao cabo de vinte anos à sua terra. Os seus dois irmãos que ele reconheceu com dificuldade apareceram-lhe com barbas bíblicas.

— Como assim? — perguntou — vocês resolveram deixar crescer a barba?

— Então não te lembras — disseram ambos em tom de censura — que quando partiste, levaste a gilete?

— ★ —

**5** McLean visita o seu amigo O'Connor e observa como este corre, de chicote na mão atrás de um coelho.

— Mas para que torturas tu o pobre animal? — perguntou, admirado McLean.

— Muito simples — respondeu O'Connor: — sujeitando o coelho a este esforço a sua carne sabe melhor. Depois de cozinhado é como se fosse um coelho bravo e não um coelho de capoeira.

— ★ —

**6** Por que será que todos os escoceses residentes na América dizem que nasceram naquele país?

— É simples: assim poupam o dinheiro da viagem de regresso.

## ...E PARECE QUE PEGA!

**N**O número anterior dêramos a coisa com certas reservas. Admitamos, mas estávamos longe de supor que excêntrica ideia do brasileiro Flávio de Carvalho (arquitecto, pintor, figurinista e outras actividades que não vêm a propósito) ou a sua acção reccionária contra o traje «obsoleto» dos seus semelhantes houvesse de vingar.

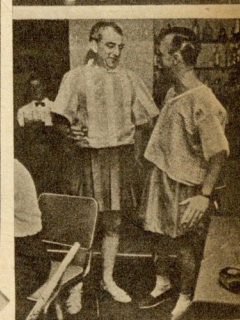
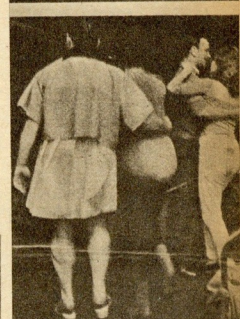
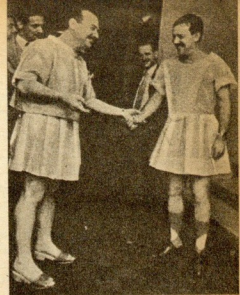
Agora, porém, tudo faz crer que o «new look» tenha pegado, pelo menos na cidade bandeirante. Para convencer as massas ainda pouco aderentes, Flávio juntou ao gesto as palavras. Foi ao clube dos Artistas de S. Paulo e botou discursata:

«O traje que usamos não é compatível com o clima do nosso país. Há, pois que o tropicalizar» — disse isto e disse muitas mais coisas. Tomou um ar profético e pôs no verbo tal persuasão que, ao terminar, os seus prosélitos lhe chamaram o Ermita de uma nova cruzada.

A seguir houve baile e «Flávio e os seus apóstolos» puderam demonstrar quão leve e refrescante se torna a indumentária que eles sugerem.

Mais do que figurinista, o architecto de S. Paulo, figuramos um grande figurão. Que pregue lá a cruzada no país dos cruzeiros, que alicie e arregimente legiões, mas que circunscreva a acção à sua esfera.

Que se a moda alastra, então meus amigos! Que grande baralhada! Simplesmente o caos dos sexos — hoje apesar das luzes do século, já tão difícil de diferenciar...



Flávio e Olga Schuery (Miss TV São Paulo) exibem pernas. Maria Della Costa sorri.

Três imagens que testemunham adesões ao «movimento».

Solução da página 19:

1. coar, caro, roca; 2. cola, calo, loca; 3. actor (desculpe a grafia ser brasileira), rato, rota; 4. alma, lama, mala; 5. goma, mago, gamo; 6. cipó, copi, pico.

Solução da página 13: Charles Chaplin.





Muitos foram os leitores que, a propósito do primeiro número nos dirigiram confortantes palavras de aplauso e de encorajamento. Alguns levaram o seu interesse ao ponto de analisar, página por página, secção por secção, a trinta e duas laudas do nosso magazine.

#### AINDA ESTÃO DE ACORDO


Entre todos os assuntos apresentados dois houve que prenderam particularmente as atenções do público leitor. Está de acordo? mereceu comentários numerosos e dispares. Não obstante, os ponderosos argumentos por nós aduzidos continuaram a estar de acordo alguns cavalheiros. Como este cantinho se destina a ser uma tribuna livre anotámos as pessoas que nos manifestaram esse espírito: António Cunha (Viana do Castelo) «Seis Inconvenientes» (Setúbal), Sebastião Amaral (Aveiro), Faro e Melo (Coimbra), Galvão Martins, Miguel Orduña, Sílvio Lima (Porto), José Carnha (Aradas), «Tarzã da Estrela», Cunha e Silva, Gabriel Pais e João Villarett, todos de Lisboa.

#### POR QUE SE PINTAM AS MULHERES?

Também do sr. Manuel Baltasar Deserto recebemos curiosa correspondência que se traduz em valiosa alicha para a solução do problema equacionado. Eis um trecho do seu delicioso escrito: «...Para complicar ainda mais a situação, entram em cena, conturbando cérebros: o cinema, a rádio, as danças arrevezadas, os voos directos às cinco partes do mundo, as conferências elegantes, os chás em que se dança e muito possivelmente a televisão, a qual irá criar em Portugal novo modo de vida.

Mas quanto a mim o principal condimento ainda é o cinema com as suas Manilínes, as suas Lollós e as suas Sofias a servirem de modelo. Meninas ainda mal libertas da primeira dentição, assumem atitudes vampírescas e esgares cinéfilos. E senhoras até então sisudas e circunspectas rejuvenescem como por encanto e lançam-se num mundanismo vertiginoso, fielmente copiado das ficções do «ecran» e das revistas estrangeiras».




CLASSICISMO 



FOGOSIDADE 

## 3 PASSOS DE DANÇA

Três passos de dança, três atitudes que dispensavam legendas... À esquerda e a contar de cima, o fogo cachoante do bailado andaluz na expressão vulcânica de uma cultora famosa: Teresa Amaya; em baixo: o academismo puro do bailado clássico na graça alada de Nina Zusina, artista eslava a trabalhar no Convent Garden; e à direita? A loucura delirante no rosto alucinado de uma jovem intérprete dos ritmos modernos. Cheio de pudor, o «par» varão esconde-se atrás dela. Naquele momento devia ter reflectido (como homem) que os elegantes que se agitam, que rodopiam, que transpiram, que se estafam — sem proveito para ninguém — não fazem senão inspirar um sentimento de amável... piedade.

ALUCINAÇÃO 







**SORRISOS A CHUVA...** — A saída da escola, uma surpresa: chovia. Mas a sensação de liberdade a tudo se sobrepõe, e o asfalto molhado é um espelho baço que reflete a sarrulice dos grupos infantis, numa alegria que é como um bater de asas de pombos libertos.

As escolas modernas tendem para constituir um segundo lar, quer pelos processos de ensino quer pelo próprio ambiente, em tudo diferente das cores som-

brias das aulas de há poucas dezenas de anos. E o que era sacrifício vai-se transformando em prazer. Mas, por mais amena que seja a disciplina, nada resiste aos risos à-vontade, às brincadeiras e aos jogos... Nem sequer uma tarde de chuva consegue vencer o optimismo de um regresso a casa.

Imagem feliz de uma meninice sem problemas, acordar em nós saudades de tempos idos, em que podíamos sorrir à chuva e pisar um asfalto que reflectia pura alegria...

**ALTO**

«Alto! Não fechem ainda a página. Há lá fora um assunto fresquinho para inserir». E o fotógrafo saiu à rua para «caçar» este instantâneo: um friso que é um dólculo de aurora. Isto sucedeu precisamente esta manhã, quando a nossa revista prescinde da máquina. Que estão elas a fazer? O leitor muitas vezes ousada. A curiosidade — diz-se — é diferente ao gelo da manhã, puseram olho à fechadura, era legítima. Queriam saber o que trazia a «Crónica». E a curiosidade encosta sempre o ouvido a uma porta por mais desagradável que seja o que se diz atrás dela. Em nosso foro, estas seis primaveras que nos disseram «bons dias», ficam porém absolutivas. A sua curiosidade atenta às coisas denota elevação de espírito.



# Esta é da casa...

nossa revista conta no corpo redactorial um colaborador que é funcionário público.

Sempre atarefado, o nosso homem nunca tem tempo para almoçar. Este delicado problema, resolve-o ele com umas sandes. É infalível. Logo que sai o pessoal, puxa do embrulho, cheira, de-sata o cordel, abana a cabeça em sinal de dúvida, torna a cheirar e abre.

— Irra, que é de mais! Já não posso com isto! Sempre sandes de queijo! Sempre a mesma coisa! — exclama amargamente!

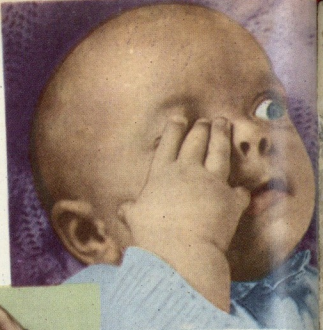
— Por que não pedes à tua mulher que te arranje outras sandes? — perguntou-lhe um colega recém-chegado da Província.

— Qual quê? Eu não sou casado! — responde, o nosso colaborador, furioso. — Quem faz as sandes sou eu!



*Neste  
número*

DANNY KAY  
QUER BAILAR À  
ORIENTAL



O BÉBÉ QUE JÁ  
NAMORA ...



N. 2

MONTMARTRE NUMA  
GARE DE FERROVIA